



Comissão
Mineira de
Folclore

CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL – Ano VI Nº 59 Set. 2000
www.folclore.art.br

N
UNICENTRO
NEWTON PAIVA

FATOS QUE MARCARAM O MÊS DE AGOSTO

Domingos Diniz
Presidente da CMFL

Em agosto último, o mês oficial do folclore, a cultura popular tradicional esteve em evidência. Sabemos, porém que esta cultura não se reduz ao mês de agosto e sua grandeza está em sua espontaneidade, em seu caráter regional e universal, na sua pedagogia da experiência. Experiência que antecede às ciências e responde às mais importantes indagações da vida. Tivemos fatos que marcaram o mês de agosto de 2 000, como a 36ª Semana Mineira de Folclore (muito bem comentada noutro local desta edição por Márcio Veloso), lançamentos de livros, a reinstalação da Comissão Fluminense de Folclore e os 50 anos da Comissão Paraense de Folclore.

No dia 19, na grande feira de livros, Edméia Faria lançou *Folclore Poético* em Pompéu (Mazza Edições). Diz a autora: “*Desci fundo nas pesquisas, numa ânsia louca de descobrir minhas próprias raízes e preservar a memória cultural de nossa gente*”. No dia 22, Carlos Felipe autografou “*O Grande Livro do Folclore*” (Belo Horizonte, Leitura, 2 000, 214 p.).

O livro reúne as manifestações folclóricas de maior incidência em todas as regiões do País e permite ter uma visão ampla da cultura popular brasileira. Traz ainda completa bibliografia de cada região.

Em Nova Lima, dia 31, a CMFL e a Secretaria Municipal de Cultura lançaram o livro “*Manifestações Folclóricas no Município de Nova Lima*”. O livro mostra a força dos saberes do povo e se destina a quantos se dedicam ao estudo do folclore naquela cidade. A pesquisa foi coordenada pelo folclorista Domingos Diniz, Presidente da CMFL. Que toda prefeitura siga o exemplo de Nova Lima

A Comissão Paraense de Folclore comemorou, no dia 22, festivamente, os 50 anos de fundação, sob a

FOTO: Dada



Dona Maria, mestra
do batuque de São
Romão (MG)

batuta de sua presidente a folclorista Maria Brígido. A CPFL teve como fundadores, entre outros: Dr. José Coutinho de Oliveira, Dr. Armando Bordalo da Silva, Dr. Paulo Maranhão Filho e Adelermo dos Santos Matos. Finalmente cantemos lóas à Comissão Fluminense de Folclore, que se reinstalou no dia 9, sob a presidência do Prof. Ivan Cavalcanti Proença, sediada no Rio de Janeiro. A CFFL foi também fundada em 1950 e teve as atividades interrompidas logo após o falecimento de seu presidente Rubens Falcão.

O folclore é mais do que um simples mês. É a sabedoria do ethos do povo.

Veja
Nesta
Edição...

CORRESPONDÊNCIAS
Pág. 2

INVOCANDO O SANTO NOME DE DEUS
Antônio Henrique Weitzel
Pág. 3

QUANDO OS IPÊS FLORESCEM
Lázaro Francisco da Silva
Pág. 4

36ª SEMANA DO FOLCLORE.

Um informe geral sobre este importante evento da CMFL, hoje mais amplo e mais diversificado, mas sempre conjugando eventos, estudos e debates.
Veja detalhes em “*Folclore em Destaque*”

Pág. 5

UM GRANDE ROMANCE
Zanoni Neves
Pág. 6



JOSÉ ANTÔNIO DE SOUZA, escritor e teatrólogo, mineiro de Januária, residente em São Paulo (SP).

Recebi os exemplares do CARRANCA e da REVISTA, cujo envio lhe agradeço. Vê-se, pelas publicações, que a Comissão Mineira de Folclore tem um trabalho ativo, profícuo, de ampla abrangência. A vida intensa e as atividades ininterruptas aqui nesta Paulicéia Desvairada me impediram de cair inteiro na leitura da REVISTA, mas já deu para lambiscar o geral e me deter em dois ou três artigos que achei relevantes, oportunos e de visgo na escrita. Aí há saber, engenho e arte. O folclore tratado não de maneira "exótica" mas científica, uma ciência onde a palavra vem para dar adorno ao conhecimento, dar encanto à revelação da sabedoria do povo. Confesso que tenho pavor dessas publicações de entidades, mas a revista de vocês foge completamente ao padrão encomiástico de muitas que conheço – graças a Deus! Li o seu artigo, o do Paulo Pardal, o de Márcio Almeida, a breve nota de Zanoní Neves sobre Francisco Iglésias – li com prazer, com gula, e só não fui adiante ainda pelo corre-corre desta louca vida paulistana. E como, pela amostra, deu pra ver que essa não é comida que se engula às pressas, que não é hambúrguer do Mac Donald's mas sim um jantar da boa e variada cozinha mineira, regada ao molho da informação precisa e temperada no enleio do verbo, deixou para a hora oportuna – um desses feriados de quinta a domingo, que há de vir por aí – para ler com calma, conhecendo, aprendendo, degustando.

E desde já lhe digo, meu caro Domingos: não dispense o número 21, não. Tou na espera. Na expectativa. E digo mais ainda: quero comprar todos os números futuros da REVISTA. Saindo a cada mês, você

me faz a gentileza de mandar o exemplar e eu boto o dinheiro na conta. Favor você já me fez de apresentar a publicação, agora eu entro na fila dos leitores pagantes, com muito gosto.

DE ALICINA V. DE ASSIS FONSECA, de Vespasiano (MG), Diretora da Casa de Cultura e do nosso Museu de Folclore "Saul Martins" nos fala do nº 58 do CARRANCA.

Quando recebi no dia 11 de setembro o exemplar de nº 58 do informativo da CMFL, passei à sua leitura.

Ao lê-lo, tive a sensação de que bebia na fonte da sensibilidade, da poesia e do interesse pela nossa cultura através dos textos e contextos do sábio professor e demais pessoas que aglutinaram suas falas neste material.

Espremi suas páginas e delas consegui aparar, na concha de minhas mãos, gotas límpidas das doces águas do São Francisco. Cochilei na chalana. Acordei com os acordes do entusiasmo e dedicação da CMFL lutando pela preservação e divulgação de nossa cultura popular tradicional – o nosso folclore.

Caminhei. Vislumbrei com um infinito maduro de sabedoria. Enxerguei atrás dos montes jequitibás que através dos tempos o céu contempla, as gerações passam, sonham e descansam à sua sombra. Senti o sabor de minha infância ao me fartar, no meio do caminho, de um delicioso pão caseiro, temperado com muito amor.

Viajei à procura de identidade: nos veios dos rios, nas trilhas construídas por viajantes anônimos, nas raízes dos jequitibás. Nos encontramos. Me encontrei. Com um carinhoso abraço de parabéns.

Adquira a sua Revista nº 21

Em outubro, já estará circulando a REVISTA nº 21 da Comissão Mineira de Folclore, agosto de 2000.

Variada matéria assinada por especialista em folclore não pode faltar na biblioteca de quantos se dedicam ao estudo da cultura popular tradicional.

Para receber um ou mais exemplares da REVISTA, basta enviar um cheque em nome da Comissão Mineira de Folclore ou depositar no banco Itaú, ag. 3038, c/c 01006-6. Em caso de depósito, enviar juntamente com o nome e endereço completos cópia da ficha de depósito. Endereço da CMFL: Rua da Bahia, 1320/Apto. 1101, CEP 30.160-011, fone (31) 222-2055. Um exemplar custa apenas R\$ 10,00 (dez reais).



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL

Ano 6 – Número 59 – Setembro 2000

Diretor Responsável: Domingos Diniz

Coordenação Editorial: Lázaro Francisco da Silva

Editoração Gráfica: Cleonice de Souza (434-4642 / 435-4563)

Impressão e Acabamento: Gráfica e Editora Cultura

Apoio: Parceria Universitária Unicentro Newton Paiva

Diretoria da CMFL

Presidente de Honra: Saul Alves Martins

Presidente: Domingos Diniz

Vice-Presidente: Antônio Henrique Weitzel

Secretário: Lázaro Francisco da Silva

Tesoureiro: Antônio de Paiva Moura

Conselho Consultivo da CMFL

Antônio de Oliveira Mello

João Naves de Melo

Maria de Lourdes Costa Dias Reis

Endereço para Correspondência

Rua da Bahia, 1320/1101 – Centro

30.160-011 – Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil

Tel (031) 222-2055

www.folclore.art.br



Apoio cultural



UNICENTRO
NEWTON PAIVA

INVOCANDO O SANTO NOME DE DEUS

Antônio Henrique Weitzel

Membro Efetivo e Vice-Presidente da CMFL

A fé popular não tem medida. O povo crê no Deus Criador, Senhor Absoluto de todas as coisas. Daí, confia na Providência Divina, tornando sua fala entremeada do nome de Deus, que confiantemente invoca. E não é um emprego vão, como desafiador do preceito bíblico lavrado no Decálogo confiado a Moisés no Monte Sinai: *"Non assumes nomem Domini Dei tui in vanum"* (Êxodo. 20,7). (Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão). Não. É emprego constante e respeitoso. Nos momentos de abertura: *"Valha-me Deus!"*; nas saudações: *"Deus te ajude! Deus te guarde! Deus te crie!"*; nas bênçãos: *"Deus te abençoe!"*; nos propósitos: *"Se Deus quiser! Como Deus for servido! Mas Deus é quem sabe! Tenho fé em Deus!"*; nos agradecimentos: *"Graças a Deus! Deus lhe pague! Deus lhe aumente!"*; nos desejos: *"Deus queira que ... Deus lhe ouça!"*; nos juramentos: *"Deus é testemunha! Por Deus do céu!"*, enfim, em tudo que o povo diz, não se esquece de invocar o nome santo de Deus.

Não admira, pois, o vasto repertório de provérbios com o nome de Deus. Assim:

01. A voz do povo é a voz de Deus.
02. Cada um sabe de si, e Deus sabe de todos.
03. De hora em hora, Deus melhora.
04. Deus ajuda a quem madruga.
05. Deus cochila, mas não dorme.
06. Deus dá a farinha, o diabo carrega o saco.
07. A quem Deus não deu filhos, o diabo deu sobrinhos.
08. Deus dá o frio conforme o cobertor.
09. Deus escreve direito por linhas tortas.
10. Deus não dá asas à cobra.
11. Deus, quando tarda, já vem a caminho.
12. Deus querendo, água fria é remédio.
13. Deus tarda, mas não falha.
14. Deus tira os dentes e abre a goela.
15. Mais tem Deus para dar, que o diabo para carregar.
16. O pouco com Deus é muito; o muito sem Deus é nada.

17. Para cima Deus me ajuda; para baixo Deus me acuda.
18. Para Deus não tem altura, e para ladrão não tem fechadura.
19. Quem dá aos pobres, empresta a Deus.
20. Quem deve a Deus paga ao diabo.

Outros povos têm a mesma presença de Deus em seus provérbios. Para ilustrar, apenas um exemplo em cada língua pesquisada:

1. Em alemão: *"Gottes Freund, der Pfaffen Feind."* (Amigo de Deus, inimigo do padre).
2. Em espanhol: *"Cada uno en sua casa Y Dios en la de todos."* (Cada um em sua casa, e Deus na de todos).
3. Em francês: *"Ce que femme veut, Dieu le veut."* (O que a mulher quer, Deus o quer).
4. Em inglês: *"God blesses the seeking, not the finding."* (Deus abençoa o procurar, não o achar).
5. Em italiano: *"Non si muove foglia che Dio non voglia."* (Não se move uma folha, que Deus não queira).
6. Em cabinda (língua africana): *"Likova likanga Nzambi: Muntu limonho podi kútula ko."* (Nó que Deus deu, o homem não pode desatar).
7. Em umbundu (língua africana): *"Suku kapekela otulo."* (Deus não dorme).

Obs.: Do livro inédito do autor: *"Vozes do saber das gentes"*.



Quando os ipês florescem

Lázaro Francisco da Silva

Membro Efetivo e Secretário da CMFL

Sob os meus olhos, o belo livro de Afonso Arinos com esse título, edição do autor, de 1965. Memórias de uma Ouro Preto ainda traumatizada com a perda para Belo Horizonte do status de Capital. A Babilônia pagã vencera Jerusalém, e o autor se lembra dos saudosistas ouropretanos que pranteavam junto a seus velhos muros de pedra-canga. Repleto de saudades, Arinos voltava a Ouro Preto para rever a infância e relembrar paisagens. Prenúncios de Primavera, os campos ressequidos, contornados “na marcha da serpente de fogo” obsequiavam a vista com o ouro pálido das copas dos ipês, sem espaço para as folhas, pura flor. Sob os meus olhos, o livro. Se, porém, levanto a vista, nesta manhã de 22 de agosto, a janela se abre para Mariana, outra ex-capital, aqui e ali pontuada pela auriflama da flor do pau-mulato, nome pelo qual são conhecidas entre nós essas “árvores do gênero Tabebuia, da família das bigoniáceas, de que há dois tipos: a de flor amarela e a de flor violácea” (Aurélio). A do meu quintal é amarela. A do quintal vizinho é roxa. Prefiro a minha, símbolo nacional, apesar de invejar a do vizinho, que tem a cor dos topázios mais cobiçados. Aqui se diz um ditado: A flor do pau-mulato não cai sobre a poeira. Porque quando “enfloresce o pau-mulato” chuva está perto. O ipê é o prenúncio do reverdecer geral, e quando os galhinhos entumecidos se abrem na profusão das pétalas, São Pedro lá de cima já começa a ajeitar os cântaros. São Pedro sabe das virtudes dessa planta. Pelo menos desde o dia que entrou em turras com um tal de Quinze-Por-Cento. Recém-falecido, Quinze-Por-Cento irrompeu no céu porta a dentro com a mesma petulância que o caracterizava na Terra.

– Você não pode entrar aqui assim! – disse-lhe o santo porteiro.

– Por quê não posso? Posso, e já entrei!

– Vai ter de sair, Quinze-Por-Cento! Você na Terra não foi lá essas coisas! Vai ter de sair!

– Ah! Não vou, não! Já fui lá embaixo, a capetada toda é uma bagunça só... Meu lugar é aqui!

– Não é!

– É!

– Não é!

– É!

Nisso passa o Senhor e, percebendo o alvoroço, quer saber o motivo.

– Quinze-Por-Cento não quer ficar lá embaixo e diz que o lugar dele é aqui!

O Senhor se aproxima, bota uma mão no ombro de Pedro e a outra no de Quinze-Por-Cento, e diz a este quase em sussurro: – Meu filho! Assim é a lei aqui! Na Terra você fez o que quis. Agora tem que se conformar.

– Conformer, não, Senhor! Posso não ter sido lá essas

coisas, como disse teu porteiro aí! Mas com capeta não quero trato, não! Quero ficar é aqui.

– Tá bom! – Falou o Senhor. – Faz o seguinte: tá vendo esta varinha de pau-mulato? Pega ela e volta. Vai lá pra Terra e espera até a varinha “enflorescer”. Se ela “enflorescer”, você tem aqui lugar. Mas se ela não “enflorescer”, não vai ter jeito. E você vai mesmo é lá pra baixo. Quinze-Por-Cento pegou aquela varinha seca, toda sem casca, juntou os trastes e, cabisbaixo, rumou pra Terra. Vinha pensando: – Mas de que jeito? Quando que uma varinha seca e sem casca vai “enflorescer”? Nunca!

Chegou. A Terra, toda “demudada”. Nenhum amigo, nenhum lugar conhecido, tudo diferente. Parecia que aquela conversa com o Senhor tinha durado séculos. Botou a varinha em cima da mesa. Ficou por ali. Um dia, para matar o tédio, passou mão na espingarda e foi caçar. – Pra que caçar? – pensava. – Nem menino tenho pra comer a caça!

Mas foi. Foi indo, foi indo, começou a escutar gemidos. Rumou pra lá.

Chegou e viu um homem deitado, já quase sem couro, agonizante. E um outro, “de a cavalo” nele, lavorando a faca. Corta daqui, corta dali, e conversando com o “vítimo”. Dizia: – “Olha lá! Eu não sou homem de matar gente “deitado”. Não me vá morrer, que eu só quero o couro! Falei que ia tirar seu couro, vou tirar seu couro vivo.”

Sem entender direito o que via e ouvia, Quinze-Por-Cento ficou ali parado, meio abobado. Só voltou a si quando viu que o “vítimo” havia dado o último suspiro. Levantou-se então o malfazejo, o couro nas mãos, e disse: – “morreu porque quis. Eu só queria o couro”. Fora de si, Quinze-Por-Cento foi apontando a arma e disparando o tiro. E quando o salafrário tombou com um rombo no peito, Quinze-Por-Cento lhe arrancou o couro das mãos: – Isto pertence a outro. O teu é das formigas. Quinze-Por-Cento voltou pra casa com indizível tristeza. Pensava: – “Agora danou-se tudo!”

Abriu a porta e ia jogando a espingarda sobre a mesa, quando notou: a varinha de pau-mulato tinha “enflorescido”. Tava cheinha de flor. Pegou aquele galhinho e voltou correndo: – “Senhor! Senhor! O pau-mulato deu flor!”

– Mas o que foi que você fez pra ela florescer assim?

– Não sei, Senhor! Tinha um homem tirando o couro do outro, matei ele e a varinha “enfloresceu”.

– “Aquilo não era homem, era o teu pecado. Você matou foi o teu pecado.

Agora pode ficar. Teu lugar é aqui”.

Quando os ipês florescem até os céus se abrem.

Folclore em Destaque

Márcio José Velloso

Membro colaborador da CMFL

A realização da Semana de Folclore, em sua 36ª edição, tradicional promoção da Comissão Mineira de Folclore, alcançou, mais uma vez, seus objetivos de apresentar vários aspectos das manifestações folclóricas e de cultura popular e de propiciar discussões e debates sobre importantes temas. Mantendo a denominação de "Semana" por tradição, na verdade hoje temos quase um mês de atividades, desde seminários, exposições, mesas redondas, lançamento de livros, mostras de dança e música, tudo isso ocorrendo em dez diferentes locais, movimentando a cidade e dando a oportunidade a todos de participação.

Os debates em torno de temas como "Folclore e Turismo", "Cultura Popular Tradicional" e "Folclore na Escola" levantaram questões interessantes e oportunos esclarecimentos e debates pelos especialistas e público participante.

A Festa de Iemanjá na Lagoa da Pampulha, já em seus 45 anos, manteve a beleza do ritual, o entusiasmo e a emoção dos terreiros, tendas, centros, templos e do povo presente.

Exposições de esculturas em madeira e sobre o ciclo da Quaresma em Minas Gerais ressaltaram outros aspectos da arte popular que teve seu grande momento no Encontro de Manifestações Folclóricas, na Feira de Comidas Típicas, com apresentações de lundu, dança de São Gonçalo, gamba, mineiro-pau e quadrilha, por grupos de várias regiões de Minas Gerais: Belo Horizonte, São Romão, Pirapora e Barão de Monte Alto (região de Muriaé).

Um dos pontos altos da intensa programação foi a celebração da Missa Conga, que se constitui em respeitoso ritual de confraternização dos devotos de Nossa Senhora do Rosário.

O lançamento de "O Grande Livro do Folclore", de Carlos Felipe e, em atividade paralela, o lançamento do livro "Manifestações Folclóricas no Município de Nova Lima", fruto de pesquisa decorrente do convênio entre a Comissão Mineira de Folclore e a Prefeitura Municipal de Nova Lima, também representaram não só eventos da maior repercussão, como também



Dança do São Gonçalo, de Pirapora

FOTO: Dadi



Boneca do Mineiro Pau

FOTO: Dadi



Flagrante do Mineiro Pau de Barão do Monte Alto (MG)

FOTO: Dadi



Flagrante da Missa Conga, dia 27 de agosto

FOTO: Dadi

concretas e valiosas contribuições ao estudo do folclore e de acervo de dados e informações para os interessados.

Finalmente, de toda a diversificada programação, resta comentar dois eventos que vêm se firmando a cada ano dentro da Semana do Folclore. Referimo-nos às Quintas Folclóricas, sendo a primeira denominada "Noite da Cachaça e da Poesia" e a segunda "Noite de Serestas" nas quais grupos parafolclóricos do SESC e a apresentação de artistas como Chico Lobo, Joaci Ornelas, Lu e Celinha, Katito e Nós de Minas, os poetas Gonzaga Medeiros, Ronald Claver e Peninha e os grupos de seresta Canta Brasil e Seresteiros da Sagrada Família fizeram a alegria do vibrante público presente à praça de alimentação do Bahia Shopping, local destes acontecimentos.

O outro evento é a Mostra de Música e Dança, em sua 8ª versão, este ano no Teatro Marília com grupos de dança também do SESC e os artistas Marku Ribas e o Grupo Caminho das Águas, de Pirapora.

Alguns dos eventos da Semana do Folclore mostram também outros aspectos, discutidos às vezes, porém uma realidade a que não se pode fugir, a da existência dos grupos parafolclóricos que prestam também um serviço à causa do folclore, divulgando nossas raízes culturais, ainda que de maneira estilizada. A CMFL promoveu recentemente um seminário sobre o assunto demonstrando o espírito pesquisador e inovador que informa as ações da Comissão.

Toda essa grande festa de enaltecimento de nossa cultura popular só foi possível, é necessário que se diga, pelo decidido apoio oferecido pelos parceiros e colaboradores da CMFL, quais sejam, a Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, a Federação de Congados de Nossa Senhora do Rosário, o Centro de Referência do Professor, a Secretaria de Estado da Cultura/Biblioteca Pública Professor Luiz de Bessa, a BELOTUR, o UNICENTRO Newton Paiva, o SESC e a PBH/Secretaria Municipal de Abastecimento e Secretaria Municipal de Cultura.

SOUZA, José Antônio de. *Paixões Alegres*. São Paulo: Editora Globo, 1996 – 730 páginas. (Prêmio Nestlé de 1997) – R\$ 48,00

Não temos a pretensão de escrever uma resenha sobre este romance que consideramos fundamental para quem se interessa pelo rio São Francisco e por sua gente. Mas temos a impressão de ter em mãos uma obra monumental. E não apenas em volume: são setecentas e trinta páginas de letras miúdas. O enredo cativa e envolve o leitor de maneira irrestrita. Ademais, alguns capítulos são muito interessantes especialmente para nós que admiramos e pesquisamos a cultura popular são-franciscana.

Você, leitor, já deve estar desejando saber quem é o autor.

Vamos então conhecer o seu perfil! José Antônio de Souza é um ilustre barranqueiro nascido em Januária (MG). Podemos dizer que já construiu uma importante carreira como dramaturgo e diretor de teatro. Dentre as peças de sua autoria, vale destacar:

- *Oh Carol!* – Indicação para o Prêmio Molière – Melhor Texto e Direção do Ano (1980) – São Paulo;
- *Cantos peregrinos* – Indicação para o Prêmio Shell – Indicação Melhor Texto do Ano (1997);
- *Crimes delicados* – Integra a coleção *Teatro Brasileiro* – Volume 4. Belo Horizonte: Hamdan Editora, 2000; (Montagens no Brasil e no exterior)

Esta última peça mereceu elogios dos seguintes críticos de teatro: Sábato Magaldi (*Jornal da Tarde*), Jairo Arco e Flexa (*Revista Veja*) e Hellen Ferro (*Clarín* – Buenos Aires).^[1]

Para a televisão, José Antônio escreveu alguns roteiros bastante conhecidos: *Rabo de saia* (Minissérie), *O portador* (Minissérie), *Tudo ou nada* (Novela).

Mas retornemos ao livro *Paixões Alegres*. Os protagonistas deste romance são bem caracterizados pelo autor: densidade psicológica e relacionamento social dos personagens, traços culturais de acordo com o grupo social e a faixa etária de cada um deles – enfim, um conjunto delineado de forma harmônica e interessante. A sensualidade, o interesse intelectual, a integração na vida comunitária, tornam-se palpáveis na personagem Isabel. A insegurança, as fantasias, o despertar da sexualidade, a transição da infância para a adolescência, transparecem no menino Doca. Enfim, personagens construídos com maestria por quem entende do riscado. Mas vale ressaltar também a trama do romance, a totalidade: uma tessitura urdida de forma a envolver o leitor.

Francisco caracteriza-se pela grande diversidade de manifestações. Neste particular, o município de Januária é – digamos assim – um *microcosmo* bastante representativo dessas manifestações culturais mantidas tradicionalmente pelo povo ribeirinho. É precisamente nessas fontes que o autor se inspira para escrever alguns capítulos do seu romance. As *Folias de Reis*, a *Dança de São Gonçalo*, a *Cavalhada*, a *Corrida de Jegues* estão presentes no texto revelando a religiosidade, a sociabilidade, a criatividade dos barranqueiros. Mas, ao longo de todo o romance, percebemos aqui e ali a linguagem regional: os localismos, os ditados populares, as frases feitas, etc.

Remeiros, vapozeiros, barqueiros transitam do rio para as páginas do romance. São os “homens das águas” conforme a bela definição do autor: marinheiros que freqüentavam o *Fuá* (zona do meretrício de Januária) ou namoravam as empregadas domésticas da cidade; barqueiros no sobe-e-desce do comércio ambulante; remeiros que trocavam ofensas quando as barcas se cruzavam ao longo do rio:

.....
– Prenderam seu pai roubando farinha.
Tá na cadeia de Pilão Arcado!
– E seu pai tá roubando os cegos de São Romão!
– Vai tirar sua mulher do colo do padre!
..... [Pág. 116]

A linha pontilhada substitui algumas frases proibitivas para um artigo como este, mas, no contexto do romance, são perfeitamente aceitáveis e engraçadas. Vale ressaltar que *Paixões Alegres* é um romance bem-humorado. O autor não menciona, mas essas ofensas constituíam uma categoriaêmica criada pelos remeiros: as *puias*.^[2]

Um “veterano das águas”, o personagem *Tenório Pá* era foguista. Trabalhou em barcas de figura, mas tornou-se vapozeiro realizando seu sonho acalentado na carreira do grande rio. Nas entrevistas durante nosso trabalho acadêmico – diga-se de passagem – foi possível comprovar esse fato: os remeiros almejavam tornar-se tripulantes de vapor. Era dura e lancinante a labuta nas barcas. Daí, a vontade de deixar aquele “serviço bruto”. Dentre muitos marujos de água doce, *Tenório Pá* foi um dos namorados da inconstante *Tionília*, outra personagem do romance, empregada doméstica em Januária.

Alguns detalhes do trabalho dos marinheiros são mencionados no livro de José Antônio. Crianças e adultos, vale lembrar, todos nós admirávamos os saltos acrobáticos dos marujos de água doce no momento da atracação do vapor. Vale citar mais um trecho do romance:

(...) os marinheiros tomavam distância no convés, fincavam enormes varas no leito

do rio e cruzavam com o vapor para o cais. Durante os segundos em que cruzavam ao ar, o assombro tirava a respiração da assistência; e, quando pulavam em terra, os meninos se chegavam junto aos mourões e argolas de ferro onde eles prendiam as âncoras e enlaçavam as grossas cordas. Podíamos ver de perto nossos ídolos, com seu espanto de músculos e a aspereza dos rostos, a habilidade vigorosa com que ultimavam o atracamento, puxando as cordas e coordenando as pranchas, aos berros, aos saltos, suados, queimados de óleo e sol, artistas ágeis e brutos, conscientes da perícia e do fascínio do próprio espetáculo. [Pág. 11]

Marcante neste livro é também a capacidade do autor de captar a expectativa, “as emoções da espera” que o vapor despertava na população da cidade:

(...) O breve silêncio e a breve imobilidade favoreciam a distinção do som: a distância, vencendo as refrações do ar, o apito longo, frágil e docemente agudo parecia originário de uma flauta cujo dom era o de ativar nos moradores a sensação de que algo especial se aproximava. Então, por toda parte, o coração da cidade mudava o ritmo do tempo. A rotina de cada gesto ganhava um impulso novo com o aviso do vapor que dobrava o pontal e daí a instantes seria atracado ao cais. (...) [Pág. 9]

A população ribeirinha procurava identificar os vapores por intermédio de seus apitos:

Cada vapor tinha um estilo particular, apito prolongado, breve ou entrecortado, som mais agudo ou mais grave, aveludado ou áspero, e pelo timbre a população advinhava o emissor do aviso. Mais uma vez apurava-se o ouvido e suspendia-se o fazer. “É o Raul Soares” – “Não, é o Halfeld” – “É o Saldanha Marinho” – “O Paracatu”... Quem estava no cais, com a ajuda da imagem crescendo sobre as águas, identificava mais rápido. Já se podia distinguir, pelo pontilhado das janelas, se era vapor de passageiros ou de carga, e o próprio som ali era mais claro, sem a barreira de telhados e árvores que tornavam a identificação mais duvidosa para quem então se achava no interior da cidade. [Pág. 10]

Citamos estes trechos do romance para que o leitor conheça alguns traços do estilo literário do autor. São breves passagens de uma obra grandiosa! Temos a convicção de que este livro será fundamental para valorizar e projetar a nossa cultura: o rico filão da cultura popular são-franciscana.

Notas / bibliografia complementar:

- [1] SOUZA, José Antônio. *Crimes delicados*. In: *Teatro brasileiro*. Belo Horizonte: Hamdan Editora, 2000, p. 85-86;
- [2] NEVES, Zanoni. *Navegantes da integração: os remeiros do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 178.